

# A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL DO DÍZIMO

*Ademir Rubini\**  
*Alcido Kunzler\*\**

**Resumo:** A Sagrada Escritura revela que a prática do dízimo tem sua origem no desejo do ser humano de reconhecer a grandeza de Deus, que dá a vida, com ela, uma infinidade de dons materiais e espirituais. É um gesto de louvor e gratidão a Deus Criador e Senhor de todas as coisas, que dá ao ser humano a possibilidade de usufruir de tantas maravilhas presentes no mundo. A prática de ofertar a Deus uma parte de tudo o que Dele se recebe brotou espontaneamente, a partir do coração humano. A quantificação se dá posteriormente, estabelecendo normas mais precisas de como proceder, culminando no dízimo. O Novo Testamento não nega a importância da prática do dízimo, mas retoma a intuição bíblica original.

**Palavras-chave:** Dízimo. Gratidão. Oferta. Fé.

## Introdução

O dízimo é certamente um tema transversal, presente entre cristãos de todas as épocas, com raízes profundas na Escritura, desde o Antigo Testamento. O assunto volta com muita força e expressividade em nossos tempos. A Conferência Nacional do Bispos do Brasil, não permanece alheia aos questionamentos e ao sentido evangelizador dessa pastoral.

Apresentaremos na primeira parte a experiência do dízimo

---

\* Professor da Itepa Faculdades na disciplina de Cartas Paulinas. Doutor em Teologia. Área de concentração: Bíblia, pela Escola Superior de Teologia – São Leopoldo/RS. Presbítero da Diocese de Chapecó/SC. E-mail: ademir\_rubini@yahoo.com.br.

\*\* Mestre em Teologia Moral pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – PUC/SP. Presbítero da Diocese de Chapecó/SC. E-mail: alcidokunzler@gmail.com.

na Tradição Judaica presente no Antigo Testamento. Embora tenha suas origens na Bíblia, o estabelecimento das normas referentes a essa prática consolidou-se no decorrer da história do povo de Israel. A definição do dízimo, enquanto valor quantitativo, foi fruto de um processo lento. Perceberemos que a base fundamental provém da dimensão antropológica de reconhecimento e gratidão pelo dom da vida e os bens da criação, demonstrado mediante as ofertas de louvor a Deus pelos bens recebidos.

Na segunda parte abordaremos a releitura da prática do dízimo no Novo Testamento. Veremos que, sem negar seu valor, volta-se à fonte da qual ele nasceu. Acontece um releitura do dízimo, enquanto reconhecimento e gratidão a Deus, tendo como referência as necessidades dos fiéis no conjunto da ação evangelizadora.

## 1 O dízimo no Antigo Testamento<sup>1</sup>

Uma análise que nos coloque nos primórdios dos textos escritos, nos faz sentir uma curiosa e intrigante percepção prática das colaborações e ofertas do povo, em seus sacrifícios e cultos a Deus. Desde os inícios da Escritura nos encontramos com a fabulosa INTUIÇÃO de LOUVOR a Deus. O povo de Deus aprendeu a expressar os sentimentos de gratidão, por meio de ofertas livremente escolhidas pelo povo. De onde vem essa intuição de perceber que devemos ser gratos a Deus, e como realizar isso?

Aí está a profundidade teológica a que o ser humano foi chamado. Nota-se uma sensibilidade especial, reconhecida no

---

1 O Antigo Testamento apresenta numerosas citações sobre dízimo e ofertas (Cf. Gn 4,1-7; 14,18-24; Pr 3,9; Lv 27,30-33; Dt 12,11-12; 14,27-29; Gn 8,20; 28,20-22; Ml 3,8-10; Nm 18,25-29; Ne 13,10-12; Tb 1,3,6-7; Eclo 35,6.10-12). Nosso objetivo não é abordarmos todos esses textos. Nos ateremos aos dois primeiros textos, os quais podem servir de chave de leitura para os demais.

povo de Deus, que cultiva um relacionamento muito especial com o Deus intuído, e lhe manifesta gratidão por meio de gestos simples de louvor.

Desde aí, começa-se a perceber algumas realidades profundas que são da experiência humana. O fato de estarmos vivendo nesse mundo DE GRAÇA, é uma experiência fundante. Até na linguagem comum e popular ouvimos dizer: - “ninguém pediu para nascer”! Recebemos algo de graça, de presente! Igualmente sentimos que o mundo, o universo todo, com suas manifestações e forças que está a nosso dispor, também não apareceu por construções do ser humano; não é do alcance e o ser humano não se sente capaz de realizar a construção deste universo. Além disso, a experiência mostra que ele está muito além de nós!

A intrigante pergunta que perpassa a história, e não consegue ter uma resposta satisfatória, nos mantém numa incerteza crônica: - “ALGUÉM CRIOU ESSE UNIVERSO que nos ultrapassa e é muito maior do que tudo o que podemos imaginar”. A VIDA, nesse universo, nós a recebemos de graça; e porque a recebemos de graça, brota em nós a sensação de que precisamos agradecer. É uma experiência humana que cresce espontaneamente em nós. Aprendemos também, com essa experiência, que é recompensador agradecer o presente que recebemos. Faz bem para nós expressar, em um ato concreto, o agradecimento que sentimos dentro de nós, como um sentimento afetivo e humano. Em circunstâncias especiais, procuramos tornar visível esse ato de agradecimento! Mas, a quem vamos agradecer? Aí vem a experiência da intuição de um DEUS que está além de nós e a quem atribuímos as qualidades em grau supremo; aquelas qualidades que encontramos em nossa experiência humana. É a Ele que nos dirigimos; é a Ele que oferecemos nossos sentimentos e afetos de agradecimento e louvor pela sua bondade, em grau máximo! Ele nos criou e nos chamou a sermos parecidos com Ele.

## 2 A necessidade da gratidão

Como pessoas humanas procuramos expressar nossos agradecimentos e nossos louvores, pelo fato de estarmos neste mundo, como criaturas que acolhem e sentem em sua vida, uma certa obrigação de louvar a Deus e expressar seu agradecimento pelo fato de estar no mundo, e de graça! O universo é imenso, e o ser humano se pergunta, como no Salmo 08, “quem é o ser humano, neste universo, para dele te lembrares, com tanto carinho e atenção”?

E é por isso que a humanidade, nesta sua relação com Deus, procurou diversos meios e expressões para esse louvor sincero, carregado de alegria de estar aqui nesta terra. É como a criança que, ao receber um presente, fica inquieta e se sente um tanto estranha, diante do presente, mas sabe que precisa expressar algo.

No caso, o ser humano não sabe bem a quem agradecer, nem como! Então, usa palavras; usa gestos, atitudes corporais e danças; usa sons e músicas melodiosas que induzem à sensação do mistério; usa objetos de sua fabricação; usa produtos que a terra generosamente lhe oferece; usa animais de sua criação para expressar esses seus louvores. E os usa num momento especial de culto a esse Deus, onde em grupo, ou em comunidade, criam ambiente especial em que tudo o que acontece é transformado em ato solene de louvor e de agradecimento. Criam-se momentos especiais e próprios; tempos especiais e ocasiões específicas em que esse agradecimento é expresso de modo particular. Muitas situações da vida se repetem de ano para ano, e se tornam ocasião de retomar igualmente os louvores e os agradecimentos: ocasião das colheitas e safras anuais; a criação de animais para suprir os alimentos; o tempo favorável para boas colheitas e ausência de intempéries que prejudicariam a vida das pessoas e dos animais e plantas; ocasiões de superação de crises entre povos vizinhos e diferentes.

As ocasiões vão se repetindo, e essa repetição começa a criar hábitos que educam as pessoas para esses sentimentos. Ao mesmo tempo, as pessoas começam a perceber que esse gesto, transformado em rito religioso, torna as pessoas sensíveis; e elas percebem que isto se torna uma realidade boa e agradável. Começam a sentir que isso ajuda a construir melhor a vida e dá força aos relacionamentos entre as pessoas. Nota-se também que esses sentimentos e comportamentos existem em cada ser humano e se repetem na sociedade.

Começa a existir uma coesão entre pessoas, de certa maneira próximas e relacionadas entre si, formando grupos que incluem em seus costumes, a prática de cultos de louvor e agradecimento. Pouco a pouco, aparecem expressões em palavras e em frases, seguidamente repetidas; paulatinamente ensinadas “de cor” para as crianças e adultos! Ao serem repetidas, em forma de orações, vão compondo os momentos de louvor pelas ocasiões que se tornam comuns para todos. As maneiras de expressar os louvores e os agradecimentos tornam-se coletivos e expressos nos momentos públicos de cultos a Deus. Lugares especiais se repetem para tornar público e festivo o louvor e o agradecimento a Deus. Verdadeiras “romarias” de ofertas são trazidas e ofertadas por um povo profundamente aberto a Deus e convicto de sua presença ali entre “os humanos”! A sensação de que as ofertas “agradam” a Deus, foi sendo sentida aos poucos. E por isso mesmo, repetidas seguidamente, criando uma cultura de louvor e agradecimento. Um olhar teológico nos faz perceber uma real, verdadeira e sincera espiritualidade comunitária que foi sendo estruturada aos poucos.

### **3 A experiência da filiação divina**

Uma espiritualidade organizada em alguns pilares essenciais, como o reconhecimento da pequenez do ser humano diante da grandiosidade de Deus! A intuição de que o ser humano é

realmente “filho de Deus”; e a Deus deve sua existência neste mundo. Portanto, também o reconhecimento de que Deus “merece” o nosso agradecimento. Ser reconhecido e grato a Deus, é um “dever” do ser humano. E o ser humano o realiza, não como simples “obrigação”, mas como percepção de que esse gesto realiza melhor a vida humana. O ser humano é que se sente melhor, se oferecer algo “de seu” para Deus! Embora as ofertas sejam “insignificantes” para Deus, a grandiosidade desse gesto e desta experiência é exatamente a percepção de “saída” de si mesmo, em direção ao outro.

Essa é a intuição mais profunda dessa espiritualidade das ofertas: a passagem do aspecto material para o simbolismo de um encontro com o Transcendente.

A experiência de que Deus seria “aplacado” pelas ofertas, é uma experiência originária de quem estaria “devendo” algo a Deus! Faz parte da evolução da compreensão e da imagem de Deus que o povo foi criando e superando aos poucos! Poderá ser vista também como uma sensação transversal que nos acompanha ainda hoje, e que revela as experiências de “infidelidades” que, de alguma forma, estaríamos ainda reparando! Se essa sensação está presente ainda hoje, não deverá ser uma experiência que manifeste o essencial dos motivos de nossas ofertas. Nossas ofertas tem ainda um outro sentido, muito mais amplo e positivo e se coloca muito acima da sensação de culpabilidade; mesmo assim, é inevitável a alusão a essa experiência.

Percebemos, na trilha das palavras da Escritura, que o sentido das ofertas, também foi evoluindo ao longo do tempo. Porém sempre com o sentido essencial do louvor e do agradecimento a Deus; do respeito e da dignidade; da sublimidade de Deus em sua relação com o povo; a relação profunda do povo com esse misterioso transcendente que se apresenta como algo muito importante, grandioso e sublime e

que deve ser buscado, de alguma forma! Uma finalidade que está misteriosamente presente no dia a dia. O sentido da finalidade age no presente, nas práticas do dia a dia.

#### **4 A fé de Abraão e a passagem para a quantificação do dízimo**

Na Escritura, aparecem referências a ofertas de louvor grandioso pela libertação de perigos a que o “povo de Deus” estava seguidamente exposto. Até “despojos de guerra” eram oferecidos a Deus. Vejamos em Gênesis 14,18-24. – Depois da vitória de Abrão sobre os seus inimigos, foi ofertado ao Deus Altíssimo um culto de louvor. E o sacerdote Melquisedec que rezou: “... bendito seja o Deus Altíssimo, que te entregou teus inimigos” – “E Abrão lhe deu o dízimo de tudo”.

O que é extraordinário e revela o coração do ofertante, é a resposta que Abraão dá ao Rei de Salem quando este lhe queria “ceder tudo”: “... não aceitarei sequer um fio ou uma correia de sandália, nem nada do que te pertence...”

As ofertas sempre foram espontâneas, sem indicação de quantidade nem de espécies, como frutos da terra, ovelhas, cabritos, bois ou outros. Portanto não há indicação inicial de “quanto” cada um que quisesse fazer seu louvor a Deus, teria que ofertar. Indicações de dízimo – isto é, dez por cento (10%) – começam a aparecer com Abraão, que ofereceu dez por cento dos despojos a que tinha direito. Por esses e outros motivos, na discussão de compreensão histórica do dízimo, temos a referência ao dízimo “não quantificado”, e ao dízimo “quantificado”! De todas as formas, é preciso destacar que o dízimo sempre foi uma decisão pessoal, trabalhada “no interior” da pessoa! Uma decisão que depende dos sentimentos de gratidão que as pessoas passam a sentir e querem expressar, por motivos pessoais.

Dois tipos de “ofertas” vão surgindo e se tornam práticas

constantes: as ofertas normais do louvor e do agradecimento a Deus nos cultos, e os “dízimos”, como uma prática “permanente” que passa a ser “controlada” e regularizada (Levítico). Esse dízimo específico, é para a sustentação de todo o aparato do culto no templo, tanto o material como também as pessoas (Levitas).

Quando, ao longo da história e dos textos sagrados, se consagraram os “lugares altos”, os locais de sacrifícios, os “altares de pedra”, essas práticas estão dando a origem aos “templos” e lugares de grandes concentrações de cunho religioso que, na sequência, foram surgindo, numa evolução lenta e vagarosa. Os espaços chamados “religiosos” foram exigindo outras formas de atendimento. As situações concretas foram evoluindo e as grandes concentrações de louvores e gratidão a Deus, foram se estruturando com espaços próprios e com pessoas envolvidas no cuidado desses espaços. Igualmente as práticas de atendimento foram modificando e crescendo constantemente.

Começam a envolver-se, no ritual religioso, muitas pessoas e funções específicas que exigiam um tipo de atividade de “tempo integral”. Desde muito cedo, nos textos sagrados, percebemos a presença dos “sacerdotes”, dos “profetas” e mais caracteristicamente configurados, os LEVITAS. Estes, dedicados especialmente ao culto e ao cuidado do templo e suas liturgias. As ofertas continuam sendo trazidas para os dias de culto, e começam a ser dedicadas para a manutenção e o sustento, principalmente dos levitas. Essas são as ofertas de dízimo que passaram a ser regularizadas e “cobradas” de forma regular e permanente. Praticamente um sistema “à parte” das ofertas espontâneas, pois os dízimos eram simplesmente “taxados” e assim também cobrados. As contribuições para o sustento dos levitas foram organizadas e executadas com certo rigor. Transformaram-se em uma “obrigação” religiosa, implantada de modo firme e permanente! É um gesto e um rito “sagrado”!

A introdução do dízimo nunca foi pacífica ou sem discussões e polêmicas. Levou muito tempo para se caracterizar nos dez por cento! Como se trata de uma oferta material, o significado simbólico e sagrado, faz parte de um “aprendizado espiritual” que remete a uma passagem do “material” para o sentido religioso e espiritual.

O padre Alcido Kunzler, no seu livro sobre a pastoral do dízimo, ao falar dessa realidade, assim se expressa: - “É parte essencial de treinamento da sensibilidade, para que possa aflorar a dimensão simbólica através de uma prática – nesse caso – por meio de uma QUANTIDADE material e física, caracterizada pelos 10% (ou quantia decidida pela pessoa), ofertados em dinheiro”<sup>2</sup>.

Essa passagem, - por sinal, muito sutil, - do “visível” para o “invisível”, é o EIXO CENTRAL, do que se entende e do que significa esse gesto de OFERECER algo nosso! É bonito esse sentido, de oferecer a Deus algo que é essencialmente nosso! E que depende totalmente dos NOSSOS SENTIMENTOS. No texto citado, o padre Alcido conclui parcialmente:

“De fato, Deus não precisa de nada do que é estritamente nosso! Mas um “NADA” é sempre muito ruim para nós como pessoas e seres criados por Deus. Por isso, a oferta é sempre uma realidade nossa! Ela nos qualifica diante de Deus, como PESSOAS. Não nos qualifica, por “mais” (em quantidade) ou “por menos” que nós oferecemos a Deus. A oferta é essencialmente nossa”<sup>3</sup>.

---

2 Alcido KUNZLER. *Pastoral do Dízimo em processo*. A semente que caiu em terra boa (L 8,8). Chapecó: Arcus, 2017, p.158.

3 *Ibidem*, p. 158.

## 5 A oferta que agrada a Deus

Nas ofertas do povo, Deus olha a pessoa. Muito interessante, nesse aspecto, é olhar com perspicácia, o texto que está no Gênesis 4,1-7. Caim e Abel oferecem a Deus seus sacrifícios, trazendo SUAS OFERTAS. – “Passado algum tempo, Caim apresentou dos frutos do campo, uma oferta ao Senhor. Também Abel apresentou ofertas dos primogênitos do rebanho e da gordura. *O Senhor gostou mais de Abel e de sua oferta, e menos de Caim e de sua oferta. Caim irritou-se muito e andava cabisbaixo.*”

Podemos perceber claramente que Deus olha sempre a pessoa. Ele considera os sentimentos de coração. Não importa a QUANTIDADE de ofertas! No texto se diz que “o Senhor gostou mais de Abel e de sua oferta...” Em continuidade, aparece claramente o motivo da “preferência” do Senhor por Abel: “por que te irritas, por que andas cabisbaixo? Se procedes bem, não levantarias a cabeça”?

É o que está no coração das pessoas que “cria o valor” diante de Deus! É o modo de ser das pessoas que QUALIFICA sua oferta diante de Deus. É a fé e a abertura diante de Deus. Essa é a sinceridade e a humildade que cria o valor para as ofertas. O agradecimento a Deus se torna proporcional à fé. E as ofertas se tornam proporcionais a essa fé.

O texto também não fala de “quantidade”. Porém, os dois fazem a sua oferta. Isso revela uma outra realidade, aliás sempre presente e possível, que é a oferta de coisas materiais com “MAUS SENTIMENTOS”! As pessoas de “maus sentimentos” podem igualmente oferecer a Deus suas ofertas. E realmente assim o fazem! No contexto histórico que veio ao tempo de Jesus, podemos perceber isso de forma mais clara. Por isso, o dízimo, isto é, a contribuição espontânea e permanente, necessita constantemente desse chamamento para os sentimentos que brotam do coração. Ele é uma prática que

EDUCA os sentimentos. Ao mesmo tempo, os revela. Mantém, portanto um forte elemento de EVANGELIZAÇÃO e de transformação. O retorno às virtudes humanas de gratuidade é um permanente chamado à conversão.

A prática do dízimo, no Antigo testamento, revela igualmente, a necessidade imperiosa de não se fixar nas práticas ritualistas que podem transformar a colaboração generosa e gratificante, em práticas legalistas extremamente formais. E assim se tornam totalmente sem sentido. A reflexão sobre dízimo aponta, desde os seus primórdios, para determinadas releituras que se devem proceder, para que as práticas não se transformem em rituais formais e opressores. Podemos perceber que Jesus fez uma respeitável releitura das práticas judaicas em relação ao dízimo, estabelecendo uma verdadeira crise em relação ao formalismo e ao “desvio” das ofertas espontâneas. Ao mesmo tempo detectou uma verdadeira opressão que as autoridades do Templo impunham aos fiéis.

## 6 O dízimo no Novo Testamento

O Antigo Testamento apresenta de forma abundante citações bíblicas que se referem diretamente ao dízimo. O Novo Testamento, por sua vez, raramente faz referências diretas sobre o tema. A fé cristã concebe nova perspectiva de compreensão dessa prática. Enquanto na Tradição de Israel foi se firmando uma legislação clara sobre a necessidade de devolver parte daquilo que se produz, inclusive, determinado quantitativamente, a Tradição cristã não expõe diretamente esta orientação.

O termo “dízimo” aparece em apenas quatro passagens no Novo Testamento e, inclusive, como citações secundárias, mencionando a questão do dízimo com o objetivo de transmitir algum outro ensinamento. Em Mt 23,23 temos: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do

entro e do cominho, mas omitis as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Importava praticar estas coisas, mas sem omitir aquelas”. O capítulo 23 de Mateus apresenta palavras duras de Jesus contra a hipocrisia religiosa. “É a página mais violenta deste evangelho. Jesus desmascara todos aqueles que se escondem atrás de uma fachada religiosa para enganar o povo com o seu ensinamento teórico ou com sua prática”<sup>4</sup>. Neste sentido, a prática do dízimo, desligada da preocupação com a justiça e a misericórdia, não era garantia da fidelidade à Lei de Deus. A proposta de Jesus retoma o projeto original de Deus. “A nova justiça não se baseia no rigorismo jurídico, mas numa nova prática, cuja raiz é o amor misericordioso”<sup>5</sup>.

O Evangelho de Lucas se refere ao dízimo em dois momentos. Em Lc 11,42 temos: “Mas ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças, mas deixais de lado a justiça e o amor de Deus! Importava praticar estas coisas sem deixar de lado aquelas”. Embora colocada num contexto diferente de Mateus, a citação é bastante semelhante. Lucas apresenta a questão a partir da discussão provocada na casa de um fariseu, pelo fato de Jesus não ter feito as abluções antes do almoço, conforme o costume na época. Através da chamada de atenção, Jesus combate o legalismo farisaico. “Ele mostra que não considera importante a pureza ritual e sim a pureza de coação. E liga isso com a patilha de vida”<sup>6</sup>.

---

4 Ivo STORNIOLO. *Como ler o evangelho de Mateus*. O caminho da justiça. São Paulo: Paulus, 1991, p.169.

5 CNBB. *Ele está no meio de nós!* O Semeador do Reino. São Paulo: Paulinas, 1998, p.165.

6 Marcelo BARROS. *Boa notícia para todo mundo*. Conversa com o Evangelho de Lucas. Recife: Fasa, 2013, p.175. O interesse do Evangelho, possivelmente, não era tanto contrapor-se aos judeus. Antes, desejava combater traços de legalismo que ainda persistiam dentro da comunidade cristã. Mesmo depois da separação oficial do Judaísmo, muitos cristãos permaneciam ainda presos à observância judaica.

A segunda citação do Evangelho de Lucas está dentro da parábola do fariseu e o publicano. Na sua oração, o fariseu se coloca numa postura de superioridade em relação ao publicano, fundamentando-se na prática legalista: “jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de todos os meus rendimentos” (18,12). A prática do dízimo perde o sentido quando não é realizada com humildade, reconhecendo que tal prática é, em primeiro lugar, graça de Deus. “A humildade vem do termo *húmus* e significa a pessoa ter os pés na terra, assumir sua verdade, não querer ser o que não é. Assumir sua realidade de criatura frágil e carente. Exatamente para crescer e viver a alegria de amar e ser amado”<sup>7</sup>. Devolver o dízimo não é um favor que fazemos a Deus, mas reconhecimento de que tudo o que temos é dom divino.

Finalmente, a quarta passagem do Novo Testamento que faz alusão direta ao dízimo está no livro de Hebreus 7,1-9. Este breve texto cita sete vezes o termo “dízimo”, o que caracteriza sua importância, sobretudo, no contexto de Hebreus. Este livro foi escrito a fim de que a comunidade cristã não perdesse a esperança e não se deixasse levar pelo desânimo, diante de um contexto de perseguição. “Hebreus convoca sua comunidade a se espelhar em Jesus, que desprezou os valores estabelecidos pela sociedade e ‘suportou a cruz’, a maior vergonha possível”<sup>8</sup>. Jesus é apresentado como sumo sacerdote, o único mediador entre nós e Deus. Como compreender isso, se Jesus nem sequer pertencia à classe sacerdotal, originária da tribo de Levi? No texto acima, o autor de Hebreus retoma a figura de Melquisedec, apresentando-o como rei de Salém (Jerusalém) e sacerdote de Deus Altíssimo, para o qual Abraão entregou o dízimo de tudo o que possuía. Melquisedec aparece apenas duas

---

7 Marcelo BARROS. *Boa notícia para todo mundo*. Conversa com o Evangelho de Lucas, p.238.

8 Pedro Lima VASCONCELLOS. *Como ler a Carta aos Hebreus*. Um sacerdote fiel para um povo a caminho. São Paulo: Paulus, 2003, p.14.

vezes na Bíblia (Gn 14,18-20; Sl 110,4) e não há genealogia que mostre sua origem de família sacerdotal. Hebreus interpreta Melquisedec como prefiguração de Jesus Cristo, que embora não sendo descendente da tribo de Levi, é sacerdote eterno. “É assim que se assemelha ao Filho de Deus, e permanece sacerdote eternamente” (Hb 7,3).

Retomando o texto de Gn 14,18-20, no qual apresenta Abraão, do qual descendeu a tribo de Levi, entregando o dízimo a Melquisedec, Hebreus mostra que seu sacerdócio era superior ao de Levi.

Para Hebreus, existe um sacerdócio que não é ligado à descendência de Levi. Muito pelo contrário: o sacerdócio de Melquisedec é superior ao de Levi, seja porque este pagou o dízimo e foi abençoado por Melquisedec, seja porque este é um personagem que está vivo, ao contrário dos sacerdotes de Levi, que precisam estabelecer genealogias e descendências porque são mortais<sup>9</sup>.

O objetivo principal de Hebreus não é argumentar em favor ou contra a prática do dízimo, mas demonstrar a superioridade de Cristo em relação aos sacerdotes levíticos. Para isso, ilustra com a atitude de Abraão entregando o dízimo a Melquisedec. No entanto, podemos ler nas entrelinhas o significado da prática do dízimo. Ser dizimista é reconhecer a grandeza e a superioridade de Deus. É devolver a Deus parte de tudo o que Dele recebemos, para ser colocado a serviço do seu Plano de amor.

---

9 *Ibidem*, p.56. O dízimo oferecido aos sacerdotes filhos de Levi (Dt 14,22ss) destinava-se ao salário pelo seu serviço cultual e servia de homenagem à dignidade sacerdotal. Se o próprio Levi, em Abraão, teve essa prática, significa que havia um sacerdócio mais elevado, identificado por Hebreus como Jesus Cristo.

## 7 A releitura do dízimo

Vimos acima as quatro passagens que envolvem o termo “dízimo” no Novo Testamento, as quais se relacionam com a Lei e a Tradição do povo de Israel, presentes no Antigo Testamento. Vendo de perto o contexto dessas passagens bíblicas, tudo indica que os primeiros cristãos não possuíam no seu horizonte a continuidade de tal prática. Não se percebe, ao menos, uma apologia do dízimo como preceito obrigatório a ser praticado pelos fiéis, da forma como era apregoadado no Antigo Testamento. A centralidade de Cristo e a relativização da Lei abriu caminhos para ressignificar a forma de devolver o dízimo, sobretudo, revendo no aspecto quantitativo.

O Senhor veio aperfeiçoar a lei dada ao Povo Eleito por Deus através dos séculos e, neste intuito, não reprova o pagamento do dízimo por parte dos fariseus que eram seguidores minuciosos da Lei de Moisés, mas reprova a conduta dos mesmos que se diziam religiosos e esqueciam alguns elementos essenciais da religião, como a justiça e o amor<sup>10</sup>.

Jesus não questionou a importância do dízimo, mas a forma como era praticado pelos fariseus e mestres da Lei. Para Jesus, o dízimo agradável a Deus precisa ser expressão dos valores essenciais da fé, como a justiça, a misericórdia e a fidelidade (Mt 23,23). Nesse sentido, a prática do dízimo supera a perspectiva legalista, quantitativa e de taxa, para dar lugar ao novo espírito cristão, direcionado à manutenção da evangelização, nos seus projetos religiosos, missionários e caritativos. O encontro com Jesus Cristo desperta para ser discípulo missionário, inclusive, partilhando uma quantia daquilo que recebe a serviço do projeto do Reino de Deus.

Olhando o Novo Testamento, nesse ponto de vista, encontramos diversos relatos de pessoas e comunidades que

---

10 CNBB. *Dízimo: uma proposta bíblica*. Brasília: Ed. CNBB, 2015, p.19.

testemunharam uma prática efetiva de partilha dos bens, à luz da fé em Jesus Cristo. Nos evangelhos, vemos um grupo de mulheres que seguiam o grupo de Jesus, ajudando com seus bens (Lc 8,1-3). Quando Jesus enviou os Doze, dois a dois, anunciar o Reino de Deus, orientou que não eram para se preocupar em levar muita coisa, “pois o operário é digno do seu sustento” (Mt 10,10). Este era, certamente, um modelo de vida cristã, que perdurou após a morte e ressurreição de Jesus. Como Jesus, os primeiros cristãos se organizavam em grupos e passavam de cidade em cidade anunciando o Evangelho, formando comunidades, que se responsabilizavam do sustento dos missionários.

Outro modelo de vivência da fé entre as comunidades cristãs primitivas é relatado por Lucas em Atos dos Apóstolos. Os que abraçavam a fé viviam numa comunhão fraterna radical: “vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um” (At 2,45; cf. 4,34-35). A partilha dos bens tornou-se, desde a origem, um dos pilares da vida cristã. Nesta perspectiva, há superação do próprio dízimo, ultrapassando a quantia de 10%, segundo o preceito vindo da Tradição judaica. Tudo era posto em comum e, ao que parece, era uma opção livre, que brotava espontaneamente entre os que aderiam à fé cristã. Não havia uma imposição dos apóstolos sobre os fiéis. “Nas primeiras comunidades, o que cada um possuía era posto a serviço dos outros; desse modo, os bens pessoais se tornavam comunitários por livre decisão”<sup>11</sup>. O pecado de Ananias e Safira não foi a retenção de parte dos seus bens, mas de tentar enganar os apóstolos e o Espírito Santo (At 5,1-11). “Pedro recorda a Ananias que ele não precisaria ter vendido a propriedade e, vendendo, os recursos eram dele, salientando que a contribuição à Igreja era voluntária”<sup>12</sup>.

---

11 CNBB. *O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas*. Brasília: Ed. CNBB, 2016, p.19.

12 CNBB. *Dízimo: uma proposta bíblica*, p.22.

As comunidades paulinas vivenciaram uma experiência muito significativa de partilha e solidariedade com as igrejas da Judeia que, naquele momento histórico, estava sofrendo dificuldade econômica (At 11,28-30). Diante da carestia e da fome, as comunidades da Macedônia, da Acaia e da Ásia Menor foram motivadas para participarem de uma coleta em favor dos irmãos necessitados. Segundo o Apóstolo Paulo, esse gesto seria uma resposta aos bens espirituais recebidos pelos gentios da parte dos judeus: “porque se os gentios participaram dos bens espirituais, eles devem, por sua vez, servi-los nas coisas temporais” (Rm 15,27).

Essa coleta tinha grande importância para Paulo. Ao defender a liberdade do Evangelho, na carta aos Gálatas, o Apóstolo retoma as decisões da Assembleia de Jerusalém (At 15), as quais selaram o reconhecimento de não impor aos gentios a prática da Lei judaica. Era necessário viver a comunhão, porém, respeitando as diferenças. Ao final, Paulo faz uma afirmação que expressa o ponto de unidade entre todos os cristãos: “nós só nos devíamos lembrar dos pobres, o que, aliás, tenho procurado fazer com solicitude” (Gl 2,10). A comunhão dos bens, realizado por meio da coleta, tornou-se o sinal da unidade entre as Igrejas fundadas por Paulo e as dos judeu-cristãos.

Os capítulos 8 e 9 da segunda carta de Paulo aos Coríntios, embora escritos em dois momentos diferentes<sup>13</sup>, são dois textos que expressam de forma mais detalhada as motivações e a

---

13 A Segunda carta aos Coríntios, na sua redação final, é a junção de diversas cartas que Paulo escreveu, num determinado período de tempo, aos cristãos de Corinto. O capítulo 8, provavelmente, faz parte da carta da reconciliação, após os conflitos ocorridos entre Paulo e a comunidade. Passada a turbulência, o Apóstolo retoma a questão da coleta, incentivando a comunidade a concluir um projeto já iniciado em favor dos pobres de Jerusalém (1Cor 16,1-4). No capítulo 9, Paulo inicia escrevendo sobre o tema da coleta como se fosse um assunto novo. Provavelmente, é uma carta escrita posteriormente, na qual Paulo expressa o desejo de que a coleta esteja concluída no momento de sua chegada à Acaia.

organização da coleta em favor dos pobres, os quais ajudam a compreender melhor o sentido do dízimo. O capítulo 8 apresenta alguns aspectos interessantes, que merecem destaque. Paulo cita as Igrejas da Macedônia, que passaram por diversas tribulações e viviam em extrema pobreza e, no entanto, “transbordaram em tesouros de liberalidade” (8,2). A partilha dos bens não deve acontecer somente da parte de quem tem de sobra. É também um convite da dar de sua pobreza, a exemplo da viúva que depositou no Tesouro do Templo tudo o que possuía (Lc 21,1-4). O valor do dízimo não pode se baseado naquilo que está sobrando. É uma opção de fé que tem como critério a generosidade de Jesus, “que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza” (8,9).

Paulo apresenta em 2Cor 9,7 o critério de quanto cada cristão deveria contribuir na coleta aos irmãos necessitados. “O dízimo não deve ser observado, simplesmente, por ser lei, mas por aquilo que ele realiza na vida cristã”<sup>14</sup>. A orientação do Apóstolo pode ser considerada o parâmetro fundamental na prática do dízimo: “cada um dê como dispôs em seu coração, sem pena nem constrangimento, pois Deus ama a quem dá com alegria”. Ao reportar-se ao coração, como o lugar de onde se deve decidir, Paulo nos leva a perceber que o valor do dízimo vai além de cálculo matemático. “Não basta que se tenha uma compreensão a partir da inteligência; ou mesmo, da consciência [...]. Faz muito tempo que a consciência está posta em xeque. Ela é carregada de subjetivismo. E facilmente nos leva a comportamentos reais antiéticos e de subterfúgios”<sup>15</sup>. A decisão, vinda do coração, evita que se caia no reducionismo que uma consciência malformada pode levar. “A não ser que falemos de ‘consciência libertada’ por Jesus Cristo, após um constante e

14 Jerônimo GASQUES. *O desafio do dízimo*. São Paulo: Loyola, 2002, p.22.

15 Alcido KUNZLER. *Pastoral do Dízimo em processo*. A semente que caiu em terra boa (L 8,8), p.291.

permanente processo de evangelização libertadora”<sup>16</sup>.

### Considerações finais

Aproximando a orientação de Paulo, e de todo o Novo Testamento, com a prática do dízimo, sentimos a necessidade de superar qualquer forma de taxa ou obrigatoriedade. Devolver o dízimo como expressão da gratidão por tudo o que recebermos de Deus, exige um processo constante de evangelização, a fim de que seja realizado “com toda a espontaneidade” (2Cor 8,3). O dízimo tem como medida a fé. A proporção do dízimo é definida pela proporção da fé, que brota da experiência do amor misericordioso de Deus, que em Jesus Cristo nos abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais (Ef 1,3).

### Referências bibliográficas

- BARROS, Marcelo. *Boa notícia para todo mundo*. Conversa com o Evangelho de Lucas. Recife: FASA, 2013.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7 ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- CNBB. *Ele está no meio de nós!* O Semeador do Reino. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CNBB. *Dízimo: uma proposta bíblica*. Brasília: Ed. CNBB, 2015.
- CNBB. *O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas*. Brasília: Ed. CNBB, 2016 («Documentos da CNBB», 106).
- GASQUES, Jerônimo. *O desafio do dízimo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- KUNZLER, Alcido. *Pastoral do Dízimo em processo*. A semente que caiu em terra boa (Lc 8,8). Chapecó: Arcus, 2017.
- STORNIOLO, Ivo. *Como ler o evangelho de Mateus*. O caminho da justiça. São Paulo: Paulus, 1991.
- VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Como ler a Carta aos Hebreus*. Um sacerdote fiel para um povo a caminho. São Paulo: Paulus. 2003.

---

<sup>16</sup> *Ibidem*, p.292.